

Jornal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA	
PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR	
Anno ou 52 numeros.....	25500 réis
Semestre ou 26 numeros.....	12300 "
Trimestre ou 13 ".....	700 "
Avulso.....	60 "

— ANNOI—16 DE OUTUBRO DE 1881—N.º 35 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO
Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA	
BRAZIL	
Anno ou 52 numeros.....	75000 réis
Semestre ou 26 numeros.....	40000 "
Trimestre ou 13 ".....	25000 "
Avulso.....	200 "

SUMMARY

GRAVURAS:—O castello de Chimay; A volta do bosque; Uma joven camponesa da Hollanda Septentrional; O valle de Yo-Semite, na California
TEXTO:—Actualidades, por Iriel; As nossas gravuras; O domingo historico, por A. O.; Rosicler; Horas d'ocio; Atravez da Siberia, por Victor Tissot e Constant Améro; Correspondencia.

ACTUALIDADES

Prometti na minha ultima chronica fallar-te da companhia de S. Carlos. Vou desempenhar-me hoje do meu compromisso e começo por te descrever a *prima dona*. Tu já tens motivos de sobra para des-

d'esta vez, juro-te por esta, vou ser fidelissimo e posso crer-me sem reserva.

A *prima dona* é alta, gorda e usa bigode e pera. Serviu na guarda municipal e teve sempre boas notas. Depois que se dedicou á arte, tem feito *partes* importantes e algumas d'ellas muito carregadas. É

cellente olho fiscal. Usa cacete. Está escripturada por toda a epocha.

O tenor é já conhecido do publico que o tem applaudido por varias vezes no desempenho de papeis importantes. Houve um tempo em que abandonou a arte por gostar muito de tabaco hespanhol o que



O CASTELLO DE CHIMAY.

confiar da exactidão dos meus *camapheus* litterarios. O caso da Stella Bonheur fez-te incredulo. Mas

o terror dos fadistas de Alfama. Debutou ma opera *Africana*, mostrando logo boa presença, zelo e ex-

lhe arruinava a voz. Fez por essa occasião um *fasco* notavel, sendo protestado pelo empresario, que n'es-

se tempo era, segundo eu creio, o sr. Cau da Costa, ficando durante algum tempo sem escriptura. Passados mezes, como se provasse que abandonara o vicio, foi readmitido na companhia e reintegrado no seu posto de tenor de *primo cartello*. Emite com facilidade a voz (de *preso*!) e deve-se-lhe a elle o não ter sido pateada a opera. Diz-se que só toma parte n'alguns espectaculos e em primeiras recitas, sendo substituido nas outras por *doublures*.

O barytono...

Fiquemos hoje por aqui. Resisto ao prazer de *perflar* (verbo novo, mas muito applicavel ao assumpto) a companhia toda, que se compõe talvez d'uns 60 ou 70 artistas entre primeiras partes e coristas. O sr. Arrobas empresario, merece todas as felicitações pelo exito dos seus escripturados, que tem dado enches ao theatro. Só elles occupam metade da platea geral pelo menos, com a vantagem de nos intervallos, espalharem uma animação pelos corredores!

O theatro tão triste e tão monotono na *Aida* e no *Fausto* já não parecia o mesmo na *Africana*. Decididamente o publico sympathizou com os novos artistas que são muito melhores no seu genero de que os outros. E' de esperar que a *esquadra* lyrica, perdão, que o theatro lyrico entre agora no caminho dos triumphos, abandonando a serie de desastres que a voz da sr.^a Turolla e do sr. Sanctis encetára e de que a salvaram tão felizmente os preciosos recursos artisticos, o methodo do canto e a amena voz da maviosa *prima dona* que serviu na guarda e do excelente tenor e fumista a que alludimos, auxiliados pelo valente grupo de coristas da terceira divisão.

E como S. Carlos é um assumpto exaustivo, permitte-me, meu caro, que eu passe a descrever-te a festa maravilhosa a que assisti hontem e da qual regressei ha duas horas, tendo apenas o tempo de coordenar no meu cerebro as impressões encantadoras que trouxe de lá.

Imagina tu que as meninas solteiras da nossa primeira sociedade actualmente em *villegiatura* em Cascaes resolveram offerer aos rapazes da mesma esphera social uma *matinée* no *Sporting club*. Para isso, constituiram-se em commissão, elegeram meza — uma presidente e duas secretarias — e lançaram-se corajosamente ao trabalho.

O *Sporting club* é um pavilhão octogonal, erguido no meio d'um campo que pouco e pouco se tem transformado n'um pequeno parque. A sua ornamentação interior é tão simples como a sua architectura. A sala que parece ampla e vasta quando deserta e que hontem parecia estreitissima para a multidão que continha, nada tem de luxuosa nem talvez mesmo de confortavel. A sua ventilação é perigosa pelo cruzamento constante e inevitavel das correntes de ar e as paredes são quasi nuas. Um grande lustre pende do tecto ao centro.

Tratava-se de transformar este recinto modesto n'uma verdadeira maravilha de elegancia e de bom gosto. Para isso a commissão reuniu-se em numero de 15 senhoras, na vespera da *matinée*, e durante toda uma noite passou-se uma scena graciosissima. Essas quinze senhoras, entre as quaes se encontrariam os nomes mais brillantes da nossa aristocracia, entregaram-se aos mais duros misteres, fizeram-se ade-recistas, *bouquetières*, dispozeram os moveis, armaram tropheus, ornaram as paredes com flores, cuidaram do *luncheon*, resolveram finalmente todos esses mil problemas e difficuldades que se erguem sempre na realisação de uma festa qualquer. Nada mais gracioso do que vel-as, segundo me contaram, entregues a todas essas fadigas, a todos esses arduos e desagradaveis serviços, uma preparando um ramo,

outra tecendo as grinaldas de hera, outra empunhando corajosamente um martello com as suas mãos cuja finura de contornos, pureza de desenho e transparencia de epiderme bastariam a trahir a estirpe, e a distincção da dona e não duvidando allejal-as na lucta implacavel contra um prego renitente. E tudo isto com que alegria, com que bom humor, com que bondoso e amavel enthusiasmo.

O auxilio dos homens fora em geral denodadamente recusado. É preciso porem não esquecer que dois de entre elles, os srs. visconde de Ribeira Brava e Thomaz Roza, tiveram a honra talvez a maior que tenham recebido, de coadjuvar na sua difficillima tarefa as gentilissimas operarias. Por isso ellas tambem no fim da festa, foram, n'um grupo que tentaria o pincel de Spiridion, fazer-lhes um agradecimento que se transformou quasi n'uma ovação e que foi um dos mais gentis e brilhantes movimentos da noite.

As duas horas da tarde, a sala trasbordava de concorrencia. Esperava-se apenas por suas magestades para dar principio á festa. D'ali a pouco appareciam ao fundo do parque as librés da casa real e a commissão apressou-se a ir receber os augustos convidados.

Ao apaar-se da carruagem sua magestade a rainha teve de passar por entre uma dupla ala de *toilettes* claras, frescas como ramos de lilazes, tendo no hombro um ramo e um laço de setim escarlate, insignia da dignidade de promotora da festa. Essas *toilettes* brilhavam, cantavam sob a luz do sol que polvilhava d'uma poeira impalpavel de oiro as tranças castanho claras e que accendia reflexos de ago virgem nas tranças negras de ebano. E quando uma cortezia respeitosa curvou, durante a passagem da soberana todos esses esveltos e franzinos corpos, todas essas finas e delicadas estaturas femininas na mesma saudação reverente, como um duplo renque de palmeiras bafejadas por um vento invisivel e approximou successivamente todos esses labios virgíneos e escarlates da mesma branca e aristocratica mão, a scena assumiu um aspecto inolvidavel, os contornos da passagem vaporisaram-se, esbateram-se n'um fundo de indefinivel poesia e era quasi deslumbrado que o olhar contemplava as diversas attitudes do grupo, immobilizadas um instante pelo mesmo respeitoso sentimento commum e esculpidas n'um marmore plastico, que em vez da rigidez morta da pedra, tinha a flexibilidade, o colorido, a exuberancia, a frescura virginal, a harmonia suprema da vida, da mocidade e da alegria!

A sala offerencia um magnifico aspecto. Nos oito pannos da parede, nos intervallos das portas, viam-se escudos de folhagem, de hera e de flores escarlates, d'onde irrompiam como plumas indianas, as folhas ondulantes dos gesnerios. O lustre desaparecia sob a ornamentação opulenta que o cobria e lembrava uma enorme *corbeille* suspensa, e guardada de palmas. No panno do recinto octogonal, em frente do qual estavam os *fauteuils* reservados a Suas Magestades, concentrára-se o esmero e o fino gosto das gentis operarias. A hera estava toda disposta á altura da parede n'um tecido finissimo de folhagem, que recordava vagamente pela delicadeza do entrelaçamento o tecido tenussimo d'essas *resilles* quasi invisiveis com que se preserva o penteado de todas essas causas de destruição a que pertencem o vento e o peso do chapéu. Nada mais singelo e mais elegante do que esta simples ornamentação com flores, a cujo plano presidiu de certo uma ideia de simplicidade e de pureza, cuja origem é bem facil e natural de encontrar na alma de quem o concebeu, e

de quem o executou. E era singular como alguns d'aquelles rostos se emolduravam bem n'aquelle caixilho de flores, de folhagem e de frescura!

Como disse, a sala trasbordava de convidados. A primeira nota martellada pelo Macario no piano foi o signal d'uma serie interminavel e entusiastica de contradanças e de walsas que só teve um intervalo enquanto se serviu o *luncheon* volante. As promotoras da festa foram incansaveis em servir as suas convidadas e fizeram as honras da sala d'um modo graciosissimo. O *lunch* era abundante e delicado.

As seis horas da tarde walsava-se ainda. S. M. a rainha jogava o *croquet* no parque. Afinal a luz começou a faltar, e a sala ganhou um aspecto indefinivel, uma tinta melancholica de luz vespertina, que ao longe perolava o horizonte e que fluctuava no ambiente como um floco de bruma alvacenta. A tarde tombava n'uma harmonia suprema e pelo firmamento começava a apparecer aqui e acolá uma precocidade scintilação estrellar. Foi um momento delicioso esse, em que a toda a suave tristeza outomnal do *Angelus*, em que a todo esse vago mysticismo da noite que se aproxima, do luar que se ergue, da natureza que adormece, se unia n'um contraste esplendido todo o rumor, todo o brilho juvenil, toda a alegria admiravel d'uma festa em plena intensidade!

A *matinée*, depois d'um intervalo de duas horas, transformou-se n'uma *soirée* animadissima em que se dançou até á uma hora da manhã. É prodigiosa a energia que se encerra ás vezes n'um involucre de fragil e debil apparencia. As walsistas de toda a manhã foram as walsistas de toda a noite, com poucas deserções, creio eu. Mas não foi aquella a unica transformação que houve. Houve um momento em que a *soirée* se converteu por sua vez n'uma especie de sarau litterario. Foi mesmo esse o peor trecho da noite, não, bem entendido, na parte concernente a Fernando Caldeira que recitou com a sua habitual elegancia uns versos encantadores, dedicados a uma das senhoras de mais elevada distincção e sympathia que assistiam á festa; mas na que diz respeito á pessoa que escreve estas linhas, que, accedendo ao amavel convite da formosissima commissão promotora da *matinée*, quiz apenas significar-lhe por esse meio — bem desagradavel para os que o escutavam — o seu reconhecimento e a sua admiração pelo magnifico resultado que alcançaram os seus esforços.

Formosissima commissão! É singular! Creio que é a primeira vez que estas duas palavras se associam!

Como se vê bem que não fez parte d'ella o sr. Carlos Bento!

IRIEL.

AS NOSSAS GRAVURAS

O CASTELLO DE CHIMAY — A cidade de Chimay, pelo seu passado, pela sua situação pittoresca, e sobretudo pelo seu castello e o seu vastissimo parque, é uma das localidades mais interessantes da Belgica. Pertenceu successivamente aos condes de Hainaut, de Soissons e de Blois, á casa de Croy, em favor do qual foi erigida em condado por Carlos o Temerario, depois em principado por Maximiliano de Austria. Passou depois para a familia de Arenberg e para a da Alsacia, foi enfim legado por um dos membros d'esta ultima familia a seu sobrinho, o conde de Riquet Caraman.

O castello de Chimay fica situado a oeste da cidade n'um rochedo de dezesseis metros de altura, ro-

deado de precipícios. Entra-se por uma rua arborizada, com passeios aos lados, que termina no terreiro para onde dá entrada uma porta abobadada, com um frontão triangular. Entra-se depois n'um pátio circular, cercado de arvoredo, em que se admira uma tília magestosa de dezesseis pés de circunferência. Ao pé d'esta magnífica arvore fica a sala de espectáculo, de forma circular, que pôde conter mais de quatrocentas pessoas, e que hoje serve unicamente para concertos.

Outr'ora esta parte do castello era apenas uma massa de pedra, sem estylo architectónico, mas deu-se-lhe um aspecto gothico, encostando-se-lhe um peristilo, que forma um salão de estio, cercado de flores e fechado com uns cortinados em forma de tenda. Tudo é irregular na construção d'este solar antigo, cujas espessas muralhas resistiram a todos os esforços do incendio e do canhão. As torres foram menos poupadas pelas devastações da guerra. Só uma se conserva de pé — a da capella, ornada de quadros e de estatuas notáveis.

Detraz do castello um terraço assombreado de arvores verdejantes, e orlado de moitas de lilazes e de roseiras, apresenta um panorama de immensa extensão. N'esta plata-forma cavou-se outr'ora na rocha, a cento e vinte pés de profundidade, o poço que dava agua durante os cercos.

O parque d'onde foi tomada a vista que a nossa gravura representa começa na base d'esse rochedo; desce-se para elle por uma escada e por uma rampa que podem descer as carruagens. Prodigalou a natureza n'esse parque todos os seus esplendores, deixando á arte só o cuidado de os pôr em relevo. Um valle apartado entre duas collinas desce até á entrada do parque o seu tapete de verdura. Um rio limpido, o Agua-Branca, serpeia no meio d'estas formosas campinas, entrecortadas por verdadeiros bosques de alamos, de freixos, e de chorões. Rochedos, cortados a prumo destacam as suas massas cinzentas do fundo verde-escuro das arvores. A cada passo a vista descobre algum novo sitio: cascatas, ilhas, fontes, pontes rusticas, pavilhões, etc. Mil veredas sulcam o parque em todos os sentidos: aqui serpeia uma ao longo de um prado matizado de flores, ou segue os sinuosos meandros do rio, além some-se outra por baixo de uma densa abobada de verdura, outras enfim torneiam as encostas das montanhas, sobem até aos pináculos, d'onde a vista abrange a um tempo todo o valle.

Pela sua vasta extensão, pela variedade dos sitios e pela belleza da vegetação, pelo cuidado minucioso com que é tratado, e pelo modo como está distribuido, o parque de Chimay é uma verdadeira maravilha.

A VOLTA DO BOSQUE. — O assumpto é severo e triste. Vai aspero o inverno, a neve cobre a planície e apobre velha avó volta carregada com o feixe de lenha que foi apanhar ao bosque, a netinha, no alvo-recer da vida, começa a conhecer o peso d'esse duro fardo da existencia, que para ella se cifra tambem no fardo de lenha que já principia a derrear-lhe as costas. E em toda a parte é assim! em toda a parte a pobre mulher dos campos se curva ao peso d'esses feixes de lenha que lhes estragam a elegancia da corporatura, que as transformam de mulheres em fêmeas humildes e escravas como na era mais desallumiada da vida da humanidade. A gravura exprime bem essa situação dolorosa, e até a nota comica do pequeno que tambem quer atar o seu feixe de lenha dá mais um aspecto sombrio ao quadro. O pequeno pertence ao sexo dominador, ao sexo dos

-despotas. Por isso já para elle esse trabalho pesadissimo é apenas um desfatio, um divertimento, emquanto a irmã, pouco mais velha do que elle, se curva deveras a esse peso oppressor!

O quadro é de Eduardo Frère um dos melhores pintores francezes da escola moderna.

UMA JOVEN CAMPONEZA DA HOLLANDA SEPTENTRIONAL. — Vão desaparecendo todos os dias os trajos nacionaes! O nivel da uniformidade faz-se sentir de um modo que prejudica altamente a côr local e o pittoresco. Effectivamente, apesar das mudanças continuadas que a moda introduz n'estes assumptos, devemos reconhecer que o modo como hoje se vestem homens e mulheres está longe de embellezar a forma humana. Ha contudo ainda alguns paizes em que o «genio creador» das modistas, das costureiras e dos alfayates modernos não exerce absolutamente o minimo imperio. Alli se encontra na rapariga de 1881 fado identico ao que usava a sua tris-avó. Bom é isso quando o traje é tão rico, tão original e tão gracioso como da encantadora Hollandeza que temos diante dos olhos, porque uma grande parte do norte da Hollanda apresenta o espectáculo de populações inteiras em que nada tem mudado haseculos debaixo do ponto de vista que nos occupa. Não acontece o mesmo com alguns dos velhos trajos portuguezes, que realmente não deixaram saudades. O antigo capote e lenço das lisboetas era verdadeiramente hediondo, e só a frescura de muito rosto gentil é que podia luctar victoriosamente com o aspecto *rebarbatif* da moldura.

O VALLE DE YO-SÉMITE NA CALIFORNIA — E' viajante, caro leitor e amigo? Não o aterra uma viagem para além de Alhandra ou de Cascaes? Pois então, permitta-nos que o aconselhemos, se se sente com animo de viajar, uma excursão á California. E' o paiz mais esplendido do mundo, e offerece a vantagem de não ter sido cem vezes descripto por viajantes entusiastas, como acontece ao infimo monticulo das margens do Rheno. E', por assim dizer, uma terra virgem; as rochas não estão cobertas de nomes proprios, o sopro da locomotiva não expulso a poesia, as cascatas ainda se não utilisaram para pôr em movimento as machinas de uma fabrica e as grutas não estão ennegrecidas pelo funio dos archotes dos *cicéronis*.

Vantagens são estas a que não pôde conservar-se insensível quem ama a natureza, como se dizia nos bons tempos da Arcadia. E' verdade que estas vantagens que acabamos de enumerar são todas negativas, mas a natureza manifesta n'estes sitios tanta grandezza e tantos encantos que o valle de Yo-Sémite excede e muito os sitios mais afamados da Suissa.

Ha vinte e cinco annos apenas que este valle foi descoberto.

Anteriormente servia de refugio aos *Pelles-Vermelhas*, que por veredas abruptas, cujo segredo só elles conheciam, lá sabiam ir ter. Por mais que as tropas californianas perseguissem os Indios, estes, depois de saquearem a habitação de algum plantador opulento, desapareciam como por encanto, sem deixar nem o mais leve indicio do caminho que tinham seguido. Afinal, em 1852, os soldados americanos, perseguindo um bando de Indios, apertaram tanto com elles que encontraram o caminho; por onde os salteadores tinham desaparecido. O valle de Yo-Sémite estava descoberto.

O nome de Yo-Sémite é de origem indiza, e quer dizer «Grande Urso Pardo». O terrível *grizzly*, como dizem os americanos, não é raro effectivamente

n'estas paragens. O valle está situado no coração da Serra Nevada, a duzentas e sete milhas ao S. O. de S. Francisco. Tem um comprimento de oito milhas, e uma largura media de uma milha. Acha-se rodeado, por todos os lados, de montes escarpados, que tornavam o valle quasi inacessível, antes da construção da estrada actual.

Dois annos depois da descoberta do valle, um inglez, Hutchings, assenhoreou-se d'elle e achou-o tão cheio de attractivos, que não pôde decidir-se a largal-o e resolveu armar ali a sua tenda. Pouco a pouco foi-se tornando conhecido o valle, e os viajantes começaram a apparecer; por isso não tardou nem a construção de um *hotel*, nem o estabelecimento de um serviço de diligencias.

Não devemos occultar, aos nossos leitores, que podem allegar que lhes aconselhemos a viagem no outono, que a primavera é a estação mais favoravel para se fazer uma visita a Yo-Sémite. No fundo do valle corre um bellissimo rio, o Merced, que recebe um grande numero de afluentes. Esses afluentes caem do alto da montanha, ressaltando de rochedo em rochedo, formando cascatas, que em parte nenhuma do mundo se podem encontrar mais numerosas nem mais admiráveis. São seguramente quinze só as principaes; ha muitas de que se não faz caso em Yo-Sémite, e que, em outras regiões menos favoradas, muita gente iria de longe visitar. Entre essas cascatas ha algumas que caem de uma altura de dois, tres, quatro mil pés. A mais alta de todas, a Cupula do Sul, tem mais de seis mil pés. Caro leitor, imagine, se pôde, o que será a queda de um rio de uma altura de dois kilometros. A mais admiravel das cascatas, apesar de não ser a mais alta, foi a que recebeu o nome poetico de *Veu de noiva*. Tem seiscentos pés de altura, as suas aguas ressaltam umas poucas de vezes em numerosos rochedos, fazendo saliências de forma tal que de longe parece effectivamente um véu ligeiro pendurado na encosta da montanha. Quando o sol cinge o véu no amplexo dos seus raios, o espectáculo, que então se divisa, é assombroso, é unico. Ora parece que se vê um arco iris circular, ora nos parece que são tres que surgem; de subito desaparecem, e a cascata parece iriar as suas aguas de oiro fulvo e de transparentes cristaes. E' então sobretudo que essa queda da agua merece o nome de véu de noiva. A gente quasi não pôde imaginar como é que uma grande massa d'agua que desaba pôde parecer tão leve; o mais tenue vento a agita, e, ao contemplal-a, quasi que se receia que uma aragem mais forte a arranque da montanha, e a leve nas suas azas como uma fina renda, d'essas que tecem com os seus dedos ageis as brancas filhas de Peniche.

No fim do verão e no outono, os rios, que caem no fundo do valle, levam pouca agua. Para se verem as cascatas em toda a sua belleza deve-se escolher a primavera, quando os rios vão grossos com o derreter das neves.

O valle de Yo-Sémite, como já dissemos, é inacessível por todos os lados, menos pelo sitio que atravessa a estrada de carro que o governo da California mandou ultimamente construir. Essa estrada cortada em zig-zag nos flancos da rocha, é uma obra colossal mais notavel ainda por ter sido executada n'um tempo relativamente curto.

A nossa gravura dá a vista, no momento em que a diligencia entra no valle. A descida não deixa de ter os seus perigos, o viajante ha de sentir dentro da diligencia commoções que lhe farão desejar o vêr-se lá em baixo, mas não tarda a vêr o valle em todo o seu esplendor, e, como os Israelitas ao verem a terra

promettida, esquecerá tudo o que até ahí padeceu. Já se ouve o mugido das cascatas, já se vê um fumo esbranquiçado que paira por cima d'ellas como uma pluma, depois ao fundo a trezentos pés de profundidade desenrola-se entre duas campinas uma fita de

E' um pouco mais longe que d'aquí á Trafaria, isso é verdade, mas vale a pena o incommodo. Vamos, leitor, compre bilhete para New-York, de New-York lá são apenas umas 400 leguas que se galgam em 4 dias n'um comboyo-relampago. Uma miseria!

conde de Suberra, general e ministro portuguez nasceu em Angra a 3 de junho de 1760. Era filho de André Diogo Martins Pamplona Côrte Real, morgado das Salgas, na ilha Terceira, e tendo vindo estudar para Portugal, matriculou-se na universidade de



A VOLTA DO BOSQUE.

prata: é o Merced que entra no valle em quedas e saltos furiosos e que depois corre mansamente como que fatigado dos esforços que fez para alli chegar.

Pois, caro leitor, se o tem possesso esse demonio das viagens que entrou no corpo de Vasco da Gama e de Gil Eanes e de Gaspar Côrte Real, não tem as suas tentações de ir a Ye-Sémite?

O DOMINGO HISTORICO

16 de outubro — Morte do conde
de Suberra

Manoel Ignacio Martins Pamplona Côrte Real, 1.º

Coimbra; recebeu o grau de bacharel em mathematica, e dedicando-se á carreira das armas, alistou-se no regimento de cavallaria de Santarem, sendo logo reconhecido cadete e d'ahi a pouco despachado official. Não lhe soffrendo o animo passar o tempo da juventude no meio da tranquillidade e serena paz, que então disfrutava o nosso paiz, partiu para a

Russia e como voluntario serviu no exercito de Catharina II, na guerra de 1788, tomando parte no assalto de Ismael.

Em seguida entrou no exercito alliado, commandado pelo duque d'York, assistiu com elle ao cerco

e como tantos outros officiaes portuguezes que se viram coagidos a servir debaixo das bandeiras de Napoleão; distinguuiu-se em varias occasiões dificeis e teve a honra de receber alguns commandos importantes, notando-se entre elles o de uma brigada na

foi essa para um filho de Portugal, mas ainda então, o futuro conde de Suberra, teve occasião de nos prestar um bom serviço, porque ás suas diligencias, instancias e costumados esforços se deveu não ser a cidade de Coimbra, depois da batalha do Bussaco,



UMA JOVEN CAMPONEZA DE HOLLANDA SEPTENTRIONAL.

de Valenciennes, e regressando a Portugal esteve nas campanhas de Roussillon e Catalunha.

Depois de haver servido em diversos corpos e de chegar ao posto de marechal de campo, foi, em 1808, quando Junot dissolveu o nosso exercito e organisou a legião portugueza, que mandou para França, nomeado chefe do estado maior general d'essas tropas

campanha da Russia, em que os soldadoss da nossa legião tanto se assignalaram.

Foi durante esse periodo, em que o general Pamplona serviu nos exercitos do moderno Cesar, que elle recebeu em 1810, ordem para acompanhar Massena, quando as hostes imperiaes invadiram pela terceira vez o nosso territorio. Espinhosa commissão

mais barbaramente saqueada e talvez completamente incendiada.

Para poder obstar ás demasias dos soldados francezes, viu-se Pamplona obrigado a acceitar a direcção civil de Coimbra durante os dias em que os soldados de Massena ali permaneceram, mas a acceitação d'esse cargo, que elle desempenhou só para bem da pa-

tria, foi exactamente o motivo porque a regencia o declarou rebelde e traidor, e porque só em 1821, depois de estabelecido o governo liberal pôde enfim regressar a Portugal.

Desde o fim das guerras napoleonicas, até voltar ao nosso reino, exerceu em França varios commandos importantes, e pouco depois da sua chegada a Lisboa foi eleito deputado ás côrtes e encarregado da pasta da guerra. Em 1823, depois do regresso de D. João VI á capital, recebeu Pamplona o título de conde e a nomeação de presidente do conselho cargo que desempenhou até 1825, passando então a representar o nosso governo na corte de Madrid. Voltando a Portugal em 1827, foi preso, por ordem do governo de D. Miguel, em junho do anno seguinte; e depois de haver jazido nos carcereiros da Torre de Belem, S. Julião da Barra e Bugio, exhalou o ultimo suspiro no forte da Graça.

A. O.

ROSICLER

LENA

ELEGIA SERTANEJA

Estro maior teu nome obscuro cante,
Moça christã das solidões antigas,
E eterno o cinza de virantes flores,
Que as merces, De não sabido bando
Estes gemidos são.....

Machado de Assis — (Potyra)

Quando Lena vivia, junto á porta,
Onde á tarde sentava-se brincando,
Vinham as pombas n'um sereno bando
Rogar-lhe as longas tranças virgíneas:
Agora Lena está morta...
As pombas não voltam mais.

Tudo na solidão se transformava
Quando ella apparecia:
A jassanan fugaz a aza estendia,
E em torno d'ella rapida voava
Piando de alegria;
Os sabiás da matta, despertados
Entre os galhos annosos,
Quando Lena passava, debruçados
Gemiam mais saudosos:
Tudo na solidão se transformava
Quando ella apparecia,
Uma esteira de petalas cobria
O chão que ella pisava.

Quando Lena dormia, a luz risonha
Dos astros pela fresta penetrando,
Na sua agreste cama scintillando,
Vinha doirar-lhe os sonhos festivos:
Agora Lena não sonha...
Os astros não brilham mais.

Ella era o genio dos sertões, o encanto
De toda a natureza,
Dos seus hombros pendia o laureo manto
Da tropical Beleza;
Nos seus escuros olhos fluctuava
Uma scisma ideal...
Sobre o seu collo, humildemente envolto
Na gaze virginal,
Rolava em ondas seu cabello solto.
A jurity não era tão mimosa,
Nem tão branda pisava
Sobre a molhada relva silenciosa.
Quando ella caminhava,
Qual por magia o espinho se affastava
Do seu franzino pé — nú e macio. —
Na vaga azul do rio,
Que entre taquaras, a fugir, murmura,
Na face lisa e pura

Da lagôa dormente a face d'ella,
Como no mar o vulto d'uma estrella;
Brilhava doce e altiva!
A mais obscura flor a conhecia,
E a virgem natureza,
Que a sua branca imagem reflectia,
Amava-a como a sombra fugitiva
Da vida e da Beleza.

Quando Lena cantava, a aragem santa,
Que enche a floresta pela noite bella,
Aprendia dos anjos na voz d'ella
O dulco accorde e os peregrinos ais:
Agora Lena não canta...
A aragem não sopra mais.

Ella habitava uma palhoça, um ninho
Risonho e fresco á beira da lagôa,
E como o passarinho
Que o ninho apenas deixa quando voa
Plumoso pelos ceus,
A cabana perdeu-a no momento
Em que da morte o tenebroso vento
Aloa-a aos pés de Deus...
Perto da casa d'ella as casuarinas
Os laranjeas de flor e fructo cheios,
Arfavam aos ancieos
Das gemedoras auras vespertinas;
Um pé de murta, um outro de boninas
Sobre a tosea janella,
Por suas mãos cheirosas orvalhados,
Formavam os euidados
E os sonhos todos da existencia d'ella!
Jámais turbou-a o pranto do desgosto,
Se ás vezes por seu rosto
Uma saudosa pallidez corria,
Vinha logo o sorriso que a extinguiu.
Branca fada do amor! Deus que a creara,
Vendo-a tão pura, tão perfeita e cara,
Teve medo talvez, Deus teve medo
De cedel-a á existencia torpe e avara
E matou-a tão cedo!

Lena morreu enfim! Morreu na hora
Em que no oriente vem surgindo a Aurora
Coberta de esplendores.
Como a Aurora do céu foi entre as flores
Que ella exhalou o derradeiro alento...
Os queixumes do vento
Fizeram-se mais longos, mais suaves,
Por entre as franças do arvoredo as aves
Voaram soluçando;
Os regatos mais ternos e sentidos
Entre cipós rolando,
Ouvir deixaram lugubres gemidos;
No largo seio da floresta bella
O sabiá choroso
Parecia um adeus dizer ancioso
A' sombra inteira que fallava d'ella!
O lago, os rios, o arvoredo, as flores
Tudo padecer e chora:
Lena morreu enfim! morreu na hora
Em que no oriente vem surgindo a Aurora
Coberta de esplendores.

Quando a Morte a prostrou, ella sorria
Aos céos e á terra — ungida de esperança!
No entanto a Morte sobre a ideal criança
Abriu as foscas azas sepulchraes:
Agora Lena está fria...
Seus labios não riem mais.

Alvo lençol de immaculado linho,
Mais alvo ainda que os frouxeis de um ninho,
Seus restos encobriram;
Os braços maternaes a conduziram
Hirtos de dôr, quebrados de amargura,
Ao pouso derradeiro...
Foi no seio do bosque e da espessura,
Onde a invisível flor tem mais doçura
E os echos mais tristeza,
Onde os raios do sol com mais pureza
Baixam da eterna e divina planura,

Foi lá onde, pousado no ingaseiro
Do ninho á borda o sanhaço murmura
E a rola meiga e pura
Queixosa então o canto derradeiro,
Que a enclada d'um cabreiro
Abriu-lhe a sepultura.

Era ao cahir da tarde, a Ave Maria,
Recortando os espaços, fluctuava
Na aza canora e fria
Do vento que entre as arvores afflava...
Dos pastores a voz acompanhava
O balido da ovelha demorada;
A languida toada
Da guitarra vibrava tristemente;
N'um céu de arminho a Lua transparente,
De sonhos coroada,
Erguia a fronte pallida e tremente;
Mais grato aroma o brando rosmarinho
Salpicava nos ares;
No solitario lago os acenaphares
As folhas estendiam... — de mansinho
Pairava a aragem na floresta esguia:
Era a hora em que um véo de melodia
Desdobrase da cúpula dos céos,
Hora em que fuge o dia
Nos abysmos do mar; — grande momento
Em que o olhar seguindo o pensamento,
Desvenda o firmamento
E vai cegar-se no esplendor de Deus!

Era ao cahir da tarde: a muda terra
Ia esconder-lhe a fronte idolatrada;
Torva rangia a funeral enchada,
Gemia ao longe o sabiá da serra.

Materna boca reviver tentava
No seio d'ella o coração aligente...
E aos crebros sons da enchada — alegremente
A alma de Lena para Deus voava.

Quando a Manhã esplendida e florida
No levante surgiu, entre a espessura,
Sobre a campa da virgem tosea e obscura
Viam-se os braços d'uma cruz erguida.

Hoje o que resta da serrana? Apenas
Um bocado de terra aere e selvagem
Nevada de aqueenas.
Onde suspira a lamentosa aragem.
Ao pé da sua cova um ente amigo
Abriu tambem o maternal jazigo:
A cabana musgosa, abandonada
A's chuvas e á invernada,
Rolou por terra, os lagos palpitantes
Quegingiram-lhe as formas, que espelharam
Seus olhos deslumbrantes,
Já de todo seccaram:
Um véo de pesadissima tristeza
Cobria a natureza;
Entre os galhos do bosque desfolhado
Passa da noite o vento angustiado
Como um grito de dor;
Ella morreu enfim! Ermo e profundo
Dentro do seu sepulchro dorme um mundo
De innocencia e de amor!

Feliz! feliz! feliz! Dilecta e pura
Virgem da soledade!
Tiveste o berço teu e a sepultura
Longe da negra e triste humanidade.
Os clamores fataes
Das turbas não varam-te aos ouvidos;
A febre, o amor, a lagrima, os gemidos,
Teus sonhos matinaes
Respeitaram, oh anjo... Deslisaste
Sobre a face da terra
Entre os mortaes — apenas,
Como as garças que vêm do alto da serra,
Enquanto o sol desmaia no poente,
Banhar na azul corrente
Os alvos collos, as argenteas pennas,
E abrindo as azas fogem de repente.

Oh cem vezes feliz! tu que duraste
O período de um sonho! e só tiveste
Na terra que perdeste,
Onde brilhou da tua infância a luz,
O gorgoejo das aves que te amaram,
Os cantos maternos que te emballaram,
E os braços d'uma cruz.

Olinda.

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR

HORAS DE OCIO

Phantasia arithmetica

Um individuo deixou uma fortuna de 31.200.000, e dispoz, em testamento, que no caso de sua esposa, que então estava grávida, dar á luz um filho, se deveria dar á mãe 2/3 da quantia que se desse ao filho; se nascesse uma filha, a quantia que se deveria dar á mãe fosse correspondente a 5/7 da que se tirasse para a filha. Acontece porém nascerem dois gemos, um filho e uma filha e quer-se dividir a fortuna pela forma indicada. Quaes são as partes que competem á mãe, ao filho e á filha?

H. GRICHARD.

Adivinhação Geographica

Fazer viajar o Jornal do Domingo por todo o reino de Portugal, excluindo, portanto, já se vê, o reino do Algarve.

O
J
O
R
N
A
L
D
O
O
M
I
N
G
O

Logographo

Com sete pés, leitor, sou um grande animal.
Troca-me um pé, e em ti me encontras afinal.

Perguntas indiscretas

Qual é o jornal portuguez que se deve assignar para se envelhecer consideravelmente?

Lexicologia

Com as seguintes cinco letras
A, P, O, R, T
formar oito palavras diferentes.

D. NICOMEDES.

Soluções certas

Embrulhada cryptographica. — Augusto T., *O menino da selva.*

Pergunta indiscreta. — Um quidam, Manoel Antonio Coelho Zilhão, A. M. Guedes, Um velho matador de enigmas, Edipo.

Phantasia arithmetica. — H. Grichard, Alexandre de Oliveira, Edipo, Vasco (Coimbra), X. Y. Z, Augusto T., Um velho matador de enigmas.

Nota. — São poucos d'esta vez os nomes que figuram nas *Soluções certas*, e ha para isso tres razões: a primeira foi a demora na publicação do n.º 34, que fez suppôr a muitas pessoas que havia transtorno grave, a segunda foi o saberem poucos assignantes, por culpa nossa, que a solução da embrulhada cryptographica era um proverbio latino. Só atinaram dois, e um d'elles, o *menino da selva*, deve andar já em latimidade.

A terceira razão finalmente foi o terem-se nos extraviado algumas cartas. Com a demora da publicação do n.º 34, quando procedemos á liquidção indispensavel da nossa correspondencia, amiquilando cartas já inúteis, por encerrarem soluções de problemas atrasados, soluções já publicadas, lá foram tambem algumas com as soluções do n.º 32, que nos não lembrou que ainda estavam pendentes. Entre ellas havia uma solução certa da *pergunta indiscreta* enviada por um menino de 10 ou 12 annos, que lamentamos devêras que se nos tivesse extraviado.

Soluções dos problemas do n.º 32

Embrulhada cryptographica. — *Similes cum similibus facile congregantur.*

Pergunta indiscreta. — Sete riscos

VINTE

Phantasia arithmetica. — 25/5.

ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

POR

Victor Tissot e Constant Améro

(Continuado de pag. 271)

XIX

Quanto a Ivan, o antigo cossaco, abandonára o posto da região do Amor, em que vivia como soldado colonizando o paiz. Esses cossacos fazem serviço durante quinze annos, recebendo o salario annual de tres rublos (dois mil e duzentos réis aproximadamente); o governo dá-lhes tambem rações de pão negro, e algumas vezes chá. Nutrem-se especialmente de salmão, que elles mesmos pescam, e que, com diferentes fructos selvagens, cascas e raizes de varias arvores, constitue uma alimentação pouco variada.

Os que demoram na bahia de Castres dão largo consumo a ostras muito grandes e excellentes.

Ivan, abhorrecido da vida de colono, desertou. Contava frequentes vezes aos companheiros a seguinte curiosa particularidade: nas margens do grande rio asiatico, encontram-se animaes das regiões frias, e dos paizes torridos do sul. A renna é frequentemente devorada pelo tigre de Bengala, e o javali, o texugo e a lebre do polo vivem ao lado uns dos outros.

Depois de saciarem a fome, os salteadores embrulharam-se no que tinham de mais quente e mais amplo para dormirem ao ar livre.

Parecia-lhes que a noute devia ser tranquilla, quando, de repente, ouviram gritos medonhos — gritos de desespero emitidos por uma voz de creança.

É sabido que o Amor só foi visitado pelos russos em 1843. Dez annos mais tarde foi-lhes cedida pela China toda a parte comprehendida entre a margem esquerda até á antiga delimitação da Siberia, ganhando a Russia com esta «rectificação» de fronteiras um territorio immenso e riquissimo.

Pegaram em armas e puzeram-se immediatamente a pé; ouvião estalar a neve debaixo dos pés de uma renna, que puxava um trenó, atraz do qual viam uma alcatêa de lobos esfaimados, uivando de um modo ameaçador.

A medida que o trenó se aproximava do acampamento, os lobos intimidados encurtaram o passo. A creança, transida de medo, gritava sempre. Quando a renna parou, a desgraçada victima cahiu inanimada nos braços de Dimitri e de Koschevine, que tinham sahido em seu auxilio, enquanto o velho Ephraim, o tongusse Avaram, o Lamuta e o Korak despediam contra os lobos setas mortíferas, e os amedrontavam com tiros de espingarda.

A creança desmaiada — meio morta de susto, fome e frio, era Ladislau.

O Lamuta conheceu-lhe a prostração e a fraqueza, e tirando de um sacco leite de burra gelado, partiu alguns pedaços, e poz ao fogo n'uma cassarola. Logo que o leite ferveu, deu-o á creança. As primeiras gottas reanimaram-n'o immediatamente.

XX

De que maneira escapou da morte o pobre Ladislau, perdido, só, como um naufrago no meio do immenso oceano de neve? Lançado fora do trenó pela tempestade, achou-se ferido, magoado debaixo de um pequeno bosque, onde passou uma noute dolorosa, cheia de angustia. No dia seguinte a creança poz-se a caminho corajosamente, procurando seguir a direcção tomada pelos trenós. Sabia que os fugitivos dirigiam-se para o norte; e aprendêra a orientar-se como os indigenas estudando varias ondulações da neve formadas pelo vento.

A planície estendia-se ao longe na sua implacavel solidão, debaixo do lençol do inverno. Algumas betulas e salgueiros enfezados, que se erguiam aqui e alli, tinham o aspecto de monges orando sobre o marmore de um tumulo. O sol desapareceu no horizonte com a sua luz encarnada; dir-se-hia que se fundia n'um incendio; e por cima do solo prateado corriam, em ondulações grandes, reflexos cor de rosa. Cahiu a noute sem que Ladislau encontrasse um unico ser vivo. Procurou abrigo n'uma floresta. Depois de comer um pedaço de pão endurecido pelo frio, que achou na algibeira do capote, e beber algumas gottas d'aguardente pela garrafinha, que trazia ao pescoço, adormeceu quebrado de fadiga, ao pé de uma arvore, abrigado por um velho tronco, em torno do qual a neve amontoada fizera uma especie de parede.

Acordou muito cedo, e viu nascer o dia depois de longas e crueis horas de espera, e ficou surprehendido ao descobrir a pequena distancia uma renna comendo os ramos tenros das betulas.

Correu para o animal. Pela sella e pelas redeas de couro percebia-se que era uma renna aparelhada para ser montada, e que se tinha perdido. Effectivamente o animal deixou-se apanhar por uma das redeas.

Ladislau montou, e julgou-se salvo, quando, fiado no instincto do intelligente quadrupede, reconheceu que elle não caminhava ao acaso, mas seguia um caminho, que conduzia a logar habitado.

Ao cabo de algumas horas encontrou-se n'uma aldeia yakute, meio coberta pela neve da ultima «purga». As casas, que se erguiam aqui e alli, eram solidamente construidas de troncos e ramos de arvores.

Os indigenas fallavam alguma cousa de russo, e Ladislau foi por elles recebido com a mais cordeal

hospitalidade. Deram-lhe lume para se aquecer, serviram-lhe uma abundante refeição, e no dia seguinte ajudaram-n'o a improvisar com alguns ramos de betula e correias um pequeno trenó, que seria puxado pela sua renna. Ladislau pediu-lhes informações a respeito do paiz e perguntou-lhes que direcção era necessario seguir para chegar a Nijni — Kolimsk, — unico modo, pensava elle, de encontrar Yegor e Nadege, que deviam evitar essa povoação passando para este.

Duas horas depois a creança punha-se a caminho, guiando um trenó pela primeira vez na sua vida. O vehiculo era da forma mais elemental. Bem envolvido nas suas pelles, o pequeno polaco empunhava o bastão que serve para dirigir o carro e para o calçar, quando é necessario, nas descidas muito rapidas. Caminhava com extrema velocidade esperando encontrar as nortas de Yegor no dia seguinte. Não descançou, quando chegou a noute, e como o céu estava claro, guiou-se pelas estrellas.

De tudo isto Ladislau contou apenas o que lhe pa-

acampamento. Esperava até encontrar aqui as pes-soas... mas que importa! devo-lhes a vida, meus amigos! Agradeço-lhes de todo o coração.

O rapazito fallava com uma certeza que encantava aquellos homens ferozes, privados das alegrias da familia. Deram ao pequeno o que possuíam de melhor nas suas provisões, o que bem se poderia chamar golodices.

— Para onde tencionas ir? perguntou-lhe Dimitri. O chefe dos saltadores tinha uma physionomia intelligente e suave, que agradou a Ladislau.

Este hesitou muito em responder.

Pôdes fallar, continuou Dimitri, levando a creança para um lado. Nada tens que temer apezar d'este arsenal de facas e pistolas. Pertenco a uma familia honesta e meu pae, morto ha muito tempo, deixou de si uma lembrança de homem de bem... Em Moscova toda a gente sabe o que valia Yermac.

Este nome feriu os ouvidos de Ladislau.

— Eu conheço, disse elle, um homem d'esse nome; o chefe da policia de Yakutsk.

— Nem mais uma palavra, disse então o filho de Yermac. Quando estiverem todos dormindo e tudo em socego... dir-te-hei o que havemos de fazer para vermos dentro de pouco tempo os teus amigos — e meu pae.

Apezar d'este curto dialogo se ter passado á parte, o cor Koschevine ouviu o nome do sr. Lafleur. Elle escutou esse nome na occasião em que o mestre de dansa o soccorreu com uma gôta d'agua fresca, e com algumas palavras de conforto. Prometteu a si proprio lembrar-se d'elle, e sobretudo mostrar algum dia que se lembrava. Dirigiui-se a Dimitri, fez-lhe com habilidade algumas perguntas, certificou-se de que o sr. Lafleur era de facto o francez generoso, e conseguiu tomar parte no serviço que o filho de Yermac desejava prestar ao pequeno polaco e aos fugitivos.

(Continua.)



O VALLE DE YO-SÉMITE NA CALIFORNIA.

receu conveniente dizer áquella gente mal encarada, e que o interrogava cheia de curiosidade e espanto de ver uma creança e um estrangeiro n'aquellas horrores solidões.

— E os lobos? perguntou-lhe Dimitri, os lobos que viviam atraz de ti, e que te iam quasi devorando? Não tiveste medo d'elles?

— Os lobos? disse o pequeno áquelle cujas calças agaloadas de prata e cujas armas variadas e numerosas denunciavam ser chefe de todos os outros — os lobos que me seguiam, já vinham atraz de mim, nem eu sei desde quanto tempo.

— Eram pelo menos duzentos! disse Ivan.

— Primeiramente, acudiu Ladislau, quando me voltei, vi só um, de que não tive muito medo. Corria, conservando-se sempre á mesma distancia, accelerando ou retardando o passo conforme a marcha do trenó. Mas, um segundo lobo, que descobri no cimo de um monticulo, veio juntar-se ao primeiro. Minutos depois contei tres!... Depois eram quatro, depois cinco, depois seis, depois oito, depois doze, depois vinte... Não me atrevi mais a olhar para traz. Eram tantos que se não podiam contar! Eu tocava a renna, excitava-a por todos os meios possiveis... Finalmente descobri ao longe o fogo d'este

— O chefe da policia? Era meu pae.

— Teria elle morrido! exclamou Ladislau, receioso de que alguma desgraça tivesse acontecido a Yegor e Nadege. Ha trez dias, estava comnosco.

— O que? Com quem?

— Com minha irmã adoptiva, com um sujeito que em breve será seu marido, e com o sr. Lafleur. Conhece o sr. Lafleur, o mestre de dansa?

— Deixei meu pae por morto, bem longe d'aqui, junto da floresta de Ostrovoye, ao pé dos montes Verkhoysk, disse o chefe dos saltadores.

— Pois foi lá exactamente que o encontramos, escondido, desenterrado... nem eu sei...

— Desenterrado?

— É uma historia curiosa! Olhe, este revolver era d'elle.

— Meu pae estaria vivo! murmurou Dimitri no auge da admiração. Sentia-se possuido de uma esperanza immensa de tornar a encontrar o pae vivo, e alcançar o seu perdão. Sabes, perguntou em voz baixa, sabes onde poderemos ir ter com elle... e com os teus amigos?

— Sei, disse a creança; nas immediações de Nijni — Kolimsk, perto da fronteira do paiz dos tchuktschas.

CORRESPONDENCIA

B. Lens. — Agradecemos extremamente as suas palavras amáveis, e folgamos de o ter convertido. Os seus enigmas porém revelam ainda uma grande inexperiencia. Venham outros, para se escolher.

Papalinho. — Não é, infelizmente, accetavel o seu alvitre. Se augmentassemos o preço ao nosso jornal, iriamos tirar-lhe uma das suas mais apreciaveis qualidades — a baratesa; se suprimissemos as *Horas de Ocio*, tirar-lhe-hiamos um dos seus attractivos. Um periodico, principalmente em Portugal, tem de ser essencialmente variado, para poder captar todas as sympathias. O paiz não é tão populoso, que para cada periodico possa ter o seu publico especial. Este divertimento das *Horas de Ocio* está contudo tão generalizado em toda a parte, que em França até os jornaes politicos mais sérios, como o *Siècle*, lhe consagram uma parte das suas columnas.

Z. — Sim senhor, tem toda a razão. Veja a resposta que demos n'um dos numeros anteriores, a *Caporal*. Contudo não sei como aconteceu o caso de que se queixa. Nas *Soluções certas* o seu nome é sempre o primeiro que nos salta dos bicos da penna, por tal forma estamos costumados a vê-lo figurar largamente n'essa secção.